



RUINAS DO CASTELLO DE MACHECOUL

Lanços de muralha cobertos de herva, uma torre quebrada e abalada, um torreão cuja extremidade está destruída, eis o que resta do castello de Machecoul, edificado no seculo XIV, e incendiado no fim do XVIII, durante as guerras da Vendé.

Proximo ao anno 1240, Machecoul pertencia ao barão Gerard Chabot I, que estava aparentado com a casa de Retz. Tendo Gerard Chabot II morrido sem filhos, teve por herdeira Joanna a Sabia, que cedeu imprudentemente, sem compensação sufficiente, os seus dominios a João IV, duque de Borgonha. Comtudo ella tornou, depois de dezeseite annos de litigio, a entrar na posse dos seus bens patrimoniaes, que legou, em 1406, a Gui de Laval II, neto da sua parenta Joanna a Louca. De Gui de Laval nasceu o feroz Gil de Retz, que manchou com os seus homicidios e com as suas horriveis extravagancias os muros de Machecoul. Conservava-se outr'ora, no castello, uma espada monstruosa, arma favorita d'este scelerado, cuja historia tem continuado, diz-se, no famoso conde *Barba-Azul*. No seculo XVII, Machecoul pertenceu successivamente aos Gondi e aos Crequi; depois tornou-se

propriedade da familia Neuville-Villeroy, que o possuía ainda em 1789.

O castello de Machecoul era, por dentro, de uma grande magnificencia d'architectura. Por fóra, não se vêem senão seteiras estreitas, e torres com bêteiras; mas no interior, as janellas, as portas, as escadas, eram ornadas de esculpturas, e as grandes salas, cujas fortes partes salientes formavam arcos, eram decoradas com as armas senhoriaes em relevos coloridos.

Conta-se que na idade media todos os carneiros de Nantes eram obrigados a pagar um imposto ao senhor de Machecoul no dia de entruído. Um enviado do senhor chegava d'improviso diante de cada açougue, com um grande espeto de ferro na mão. Se o carneiro, ausente ou distraído, lhe não apresentava immediatamente o imposto, o enviado espetava um carneiro, um bezerro, ou um boi, e levava-o.

A cidade de Machecoul, antigamente capital do ducado de Retz, é hoje simples cabeça de districto, e está situada a 32 kilometros sudoeste de Nantes.

Antes pegureiro e livre, que cortesão e escravo.
AGOSTO, 1, 1857.

O REFUGIO.

Em Londres, no coração do rico e poderoso bairro de Westminster, onde está o palacio, a abbadia, os tribunaes, e as camaras, quasi aos pés das torres que dominam a orgulhosa metropole, ha um grupo de casas hediondas, conhecido pelo nome de *Sítio do Diabo*. Ahi jazem as fezes de uma população de dois milhões de almas, e foi no centro d'esta podridão humana que a piedosa e infatigavel caridade elegeu o seu domicilio.

Na rua de Sant'Anna, por cima da porta de uma casa pouco maior e menos desmantelada que as outras que a rodeiam, lê-se em grossos caracteres: *Dormitorio para os pobres; escola de industria preparatoria para as colonias; refugio aberto para os mancebos que quizerem emendar-se.*

Para a admissão é precisa a idade de dezesseis annos, porque até essa idade podem entrar nas casas de beneficencia. O *Refugio* é destinado principalmente para os vagabundos e ladrões, de dezeseis a vinte annos, que quizerem abandonar tal genero de vida, e entregar-se a honrada e laboriosa tarefa.

Como o bem sempre engendra o bem, esta excellente instituição é filha de outra, tambem mui fecunda em bons resultados, a *Escola dos proletarios*, fundada em Rye-Street, accessivel egualmente aos que desejem acolher-se n'ella.

O mestre d'esta ultima escola, surprehendido um dia de ver a insistencia de um mancebo de dezeseis annos que mostrava ardente desejo de se corrigir, animou-o a assistir ás classes com assiduidade.

— E de que me servirá ir de dia á escola, se á noite tenho de vagar pelas ruas roubando para viver, como actualmente faço — respondeu chorando o pobre moço.

Effectivamente o obstaculo era grave. Comovido por aquella sinceridade, o mestre resolveu-se a uma experiencia decisiva, e deu-lhe um quarto para viver, e pão para comer. Quatro mezes viveu o mancebo contente e feliz, sujeito a este regimen. Aprendeu a ler, escrever, e contar, e algumas pessoas caritativas lhe pagaram a viagem á Australia, onde se comportou perfeitamente, com probidade e intelligencia.

Este primeiro e feliz resultado foi uma recompensa e um impulso para os seus generosos protectores; que em vista d'este exemplo se decidiram á fundação do *Refugio*, onde sómente se admittem os que confessam ser vagabundos e ladrões, e declaram querer sujeitar-se ao regimen disciplinar da casa. Apesar d'esta clausula que parece devia afastar os pretendentes, ao cabo de dois annos da existencia da instituição já havia mais de duzentas solicitações para admissão.

Para uma precaução contra a má fé e preguiça fazem passar o recipiendo por uma dura prova. Junto ao telhado da casa ha um quartozinho sem outros moveis mais do que o exer-

ção e manta grossa: uma familia pobre que ali vivia antes da casa ter o seu actual destino, foi dizimada pela colera, em 1849, que fez infinitas victimas no bairro de Westminster. É ahi que se recolhe o adepto, e permanece quinze dias a pão e agua, sósinho, excepto quando vae ás classes, ás quaes assiste em sitio apartado, sendo-lhe severamente prohibido sentar-se com os internos.

Este noviciado é a pedra de toque de um sincero arrependimento. Muitos enfraquecem á prova, outros soffrem-na com paciencia um dia ou dois, e ao cabo d'elles se retiram, porque tendo entrado voluntariamente na casa, ninguem os obriga a permanecerem, e podem sair quando quizerem. Tambem ha quem persevere uma semana, porém unicamente se julgam dignos de ficar na instituição os que aturam até ao fim.

Então lhes dão vestidos decentes, porque quasi todos entram cobertos de andrajos; tiram-n'os d'aquella casa de provação, e começam a gosar dos mesmos privilegios dos internos. Levantados ao raiar do dia, é a sua primeira occupação limparem a casa; depois almoçam pão e café, e vão para a classe. Ha dois cursos; um para os principiantes, e outro para os mais adiantados, onde lhes ensinam as doutrinas fundamentais da religião, leitura, escripta, calculo, e geographia, especialmente das colonias. O mestre tem a direcção de todo o estabelecimento. A classe superior é dirigida por um dos mancebos, dos primeiros que entraram no *Refugio*, e que tem muita aptidão para o ensino. A classe inferior é dirigida por outro já apto para passar á segunda classe.

É curioso e interessante o espectáculo que apresenta esta reunião de mancebos, saídos voluntariamente do foco do vicio, e trabalhando de boa fé para se rehabilitarem. Ainda que vestidos de diverso modo, porque os fatos são dados pelos professores da instituição, todos estão mui aceiados, porque os regulamentos da casa obrigam-n'os a lavarem-se amiudadamente. Nos rostos de alguns encontra-se ainda a expressão brutal que tinham antes de entrar ali. Ha muitas physionomias onde predomina a astucia, contrahida por habitos antigos. No ar intelligente e desembaraçado conhece-se facilmente os primeiros que entraram, humanizados já pelo estudo, e pela ordem e regimen interno da casa. Geralmente fallando, todos aprendem prompto e bem.

Comem no intervallo que separa as classes da manhã das da tarde. Tres vezes na semana é a comida de carne. Depois da ceia passam uma hora ou duas na escola preparatoria, especie de officina, onde aprendem os officios de alfayate e sapateiro. Se um discipulo quer aprender a carpinteiro ou marceneiro proporcionam-se-lhes os meios.

Deitam-se em camas separadas, e quando o edificio está cheio de alumnos, as casas tornam-se de noite em dormitorios.

Todos são obrigados a assistir no domingo aos officios, cada qual segundo o seu rito, e n'esse dia podem sair em grupos. Cada companhia leva á sua frente o melhor conductor.

Era para desejar que entre nós instituíssemos igual estabelecimento.

RETRATO D'UM HOMEM DESTINADO A VIVER MUITO TEMPO.

Sua estatura é mediana e bem proporcionada, ou mesmo um pouco reforçada; o rosto não é muito corado, porque, ao menos na mocidade, a côr excessiva d'esta parte do corpo raramente promette longa vida; os cabellos são mais loiros do que negros; a pelle é compacta sem ser aspera; a cabeça é de mediano volume; tem as veias bem marcadas sobre os membros; as espaldas são mais redondas do que chatas; o pescoço não é muito longo nem o ventre saliente; as mãos são grandes, mas não semeadas de sulcos profundos; o pé é mais largo que comprido, e a barriga da perna quasi redonda; tem o peito largo e arqueado; a voz forte e sonora; pôde reter muito tempo a respiração sem ser incommodado. Em geral, reina harmonia perfeita entre as diversas partes do seu todo. Os seus sentidos são bons sem contudo serem muito delicados; o pulso é lento e uniforme.

Tem excellente estomago; o appetite é muito bom, e a digestão facil. Os prazeres da mesa tem encantos para elle e levam a alegria á sua alma, que partilha dos gosos do corpo. Não come unicamente por comer, mas a hora da refeição é todos os dias uma hora agradável para elle, e a mesa lhe offerece uma especie de voluptuosidade que tem sobre as outras a vantagem de lhe dar força em vez de o enervar. Come lentamente, e não experimenta muitas vezes a necessidade de beber: a grande sêde é sempre signal d'uma destruição rapida.

Em geral, é franco, affavel, dado, accessivel á alegria, ao amor e á esperanza, mas inaccessible ao odio, á colera e á inveja. Suas paixões nunca tem o character da impetuosidade e da violencia. Se alguma vez se enfada e encolerisa, é antes um estímulo util, uma febre artificial e salutar, do que uma effusão debil. Gosta de se occupar, e compraz-se principalmente em meditar com socego sobre objectos agradaveis. É optimista, amigo da natureza e da felicidade domestica. Não conhece nem a ambição nem a avareza, e não cuida do dia seguinte.

O HOMEM DAS BOTAS.

Não nos censurem pela credulidade de se atravessar o nosso Tejo com botas de cortiça. Muito primeiro do que nós, outros acreditaram a possibilidade do facto, e assim como nós ficamos burlados na expectativa; se não veja-se o que a

este respeito achámos em autores veridicos.

Em 1783, o *Jornal de Paris* annunciou que um relojoeiro inventara uns sapatos elasticos, com os quaes podia atravessar o Sena cincoenta vezes por hora. Para fazer a experiencia pedia que se lhe assegurasse por subscrição a quantia de 200 luizes, compromettendo-se a não tocar n'este dinheiro senão depois de atravessar o Sena em presença de quem quizesse assistir ao espectáculo. O periodico certificava que a descoberta era verdadeira. O rei abriu a subscrição enviando 45 luizes á redacção do periodico, e o seu exemplo foi seguido a tal ponto que o *Jornal de Paris* annunciou immediatamente estar completa a sômma, communicando-o assim os seus redactores ao habitante de Leão que lhes transmittira as promessas do relojoeiro; porém uma carta do intendente d'essa cidade, M. de Flesselles, revelou que a pretendida experiencia era um chasco, e nada mais.

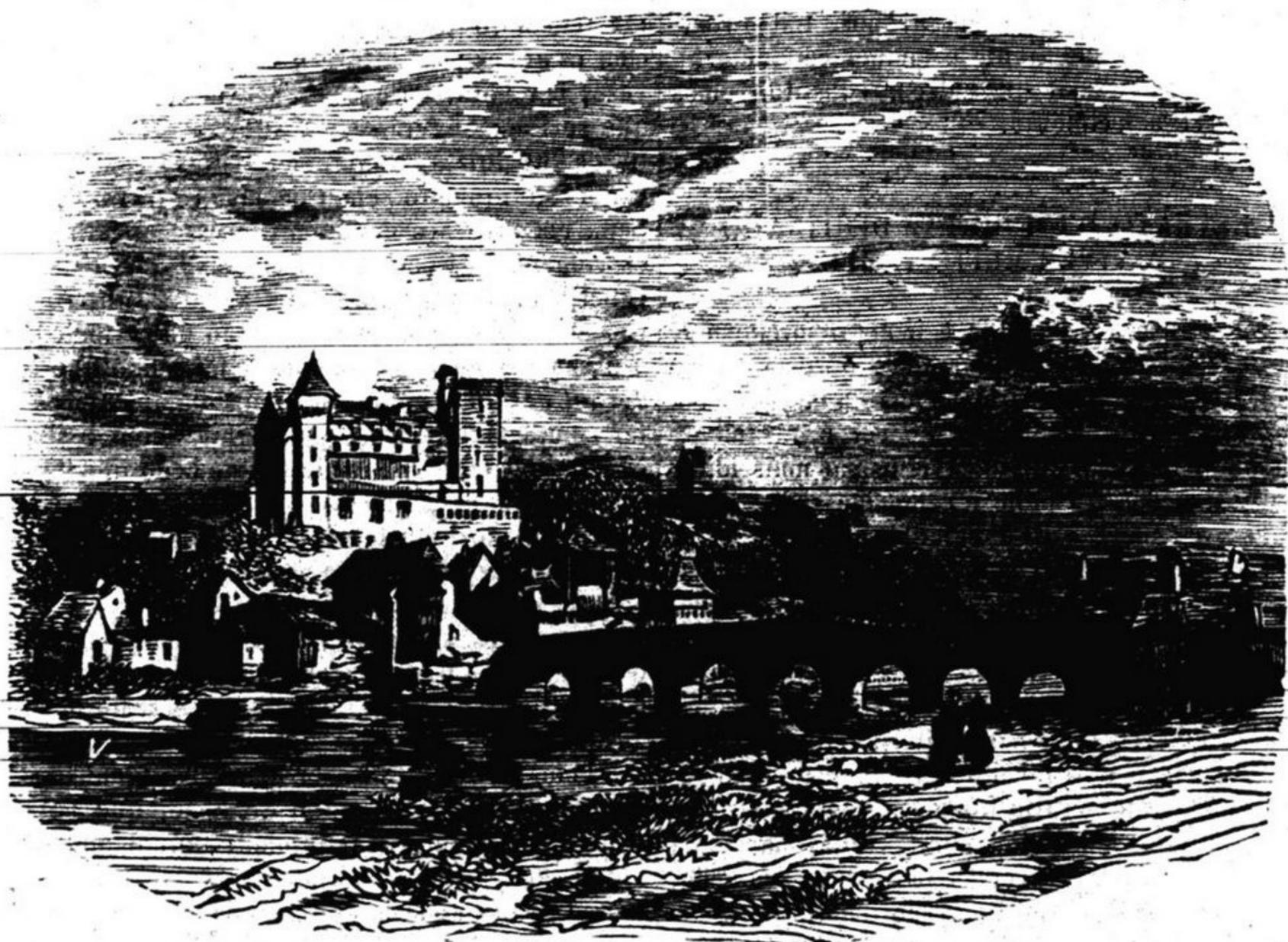
Dois annos depois verificou-se emfim a experiencia. Eis o que encontramos na correspondencia de M. Grimm, datada de Setembro de 1785:

«Pelos fins de 1783 estávamos envergonhados do engano d'um individuo de Leão, que para experimentar a nossa credulidade annunciou com muita pompa a descoberta de uns sapatos elasticos com que andaria por cima da agua sem molhar os pés. Este milagre vimol-o finalmente ha dois mezes, e o prodigio causou tão pequena sensação, que quasi nem vale a pena fallar d'elle.

«Um hespanhol fez esta experiencia, a 5 de Setembro, no Sena. Collocou-se n'agua só com os sapatos; entrou pelo rio, ora seguindo, ora desviando-se da corrente, e muitas vezes se deteve, baixando-se para tomar agua nas mãos. Andava lentamente, e com cuidado, sem duvida pela dificuldade de conservar o equilibrio. Esteve n'agua vinte minutos, e apenas chegou á praia, descalçou os sapatos, e guardou-os n'uma caixa para occultar o feitio d'elles aos espectadores. A alguma distancia d'elle iam tres barquinhos para o socorrerem em caso de perigo.

«Facil é comprehender que para isto se conseguir basta remover-se uma massa de agua igual ao peso de quem anda. O pé cubico da agua pesa 70 libras, de sorte que removendo-se dois pés pode sustentar-se á superficie um homem que pese 140 libras. Os taes sapatos são um barco dividido em duas partes, e a unica dificuldade que ha é conservar n'esta posição o equilibrio, para o que se precisa tanta destreza como para dançar na corda, e mais exercicios d'este genero. Não pudemos saber o nome d'este hespanhol, e só o que podemos dizer a seu respeito é que se lhe deu o titulo de academico de Barcelona, e pensionista de S. M. Catholica, titulos que lhe foram disputados de um modo bem humilhante pelo abbade Jimenez, n'uma carta enviada ao *Jornal de Paris*.»

A solidão serve de alivio ás almas apaixonadas.



O CASTELLO DE PAU.

O castello de Pau contava já bastantes seculos d'existencia quando um poeta o cantou, no tempo de Joanna d'Albret, em uma ballada. A origem d'este edificio, tão interessante por si mesmo e pelas lembranças que aviva, não remonta além do decimo ou undecimo seculo. Ignora-se o nome do fundador. Depois de ter escolhido este logar para edificar uma cidade, fixou, diz-se, os limites por meio de tres estacas; a do centro marcava o logar em que devia levantar-se o castello, que foi chamado o castello de *Pal*, e depois de *Pau*.

A construcção do castello precedeu, sem duvida nenhuma, a da cidade. Foi primeiro uma praça de guerra, junto á qual se gruparam successivamente as casas.

Ahi floresceram os viscondes de Bearn. Entre os principes d'essa familia, teriamos a citar mais d'um digno de memoria; mas só diremos duas palavras a respeito do celebre restaurador do castello de Pau, Gastão, appellidado *Phebo*, ou por causa da sua notavel formosura, ou por allusão ao sol, que tomara por emblema.

Elle nasceu em Bearn, no anno 1331. Tinha apenas doze annos quando perdeu seu pae, morto pelos serracenos. Gastão não tinha ainda quinze, e já fallava em o vingar. As dezoito annos, desposou Ignez de Navarra, irmã de Carlos o Mau, Prisioneiro do rei de França por algum

tempo, foi em seguida combater nas fileiras dos cavalleiros Teutonicos.

Entrado nos seus dominios, foi feliz na luta contra o seu rival, o conde d'Armagnac, e o resgate de numerosos captivos lhe forneceu os fundos precisos para o embellezamento do castello de Pau.

Gastão avançava em idade, e comtudo conservava o mesmo vigor e os mesmos gostos. Os desenhos, feitos debaixo das suas vistas, representam-no, ou exercitando, como musico, muitas pessoas a servirem-se da trompa dos caçadores; ou, como mestre da arte, professando, no meio de numeroso auditorio, as regras da caça.

Um dia Gastão tinha caçado um monstruoso urso. Depois da captura do animal, poz-se a caminho para Orcin, onde era esperado. Havia supportado ardente sol, e encontrava prazer na fresquidão da casa em que estava. Cercado de Yvain, seu filho, e dos seus mais fieis cavalleiros, entreteve-se algum tempo a contar os felizes incidentes da caça. Depois, no momento de se sentar á mesa, pediu agua para se lavar. Apenas tinha molhado as mãos, seu rosto tornou-se pallido, os joelhos tremeram, e elle caiu proferindo estas unicas palavras: «Eu morro! Senhor Deus, obrigado!»

Voltando a fallar no castello de Pau, que os

nomes de Henrique II de Navarra e de Margaritha de Valois, sua esposa; e os de Joanna de Albret e de seus dois filhos, Henrique IV e Catharina, illustraram entre todas as outras habitações reaes, diremos que o seu destino foi como opposto ao de seus senhores.

O castello de Pau tinha chegado ao maior grau de esplendor no reinado de Henrique II e Joanna d'Albret, despojados do reino de Navarra; e começou a cair em abandono no tempo de Henrique IV, senhor do reino de França. Henrique IV e Luiz XIII lhe tiraram já uma parte da sua mobilia. De decadencia em decadencia, tornara-se uma prisão no tempo do imperio e nos primeiros annos da restauração. Não se podia então entrar no castello sem se observar atravez das grades de ferro os presos, que lançavam sobre os que passavam um olhar doloroso, ou preferiam uma palavra de colera.

Este deploravel estado de coisas cessou enfim, e no reinado de Luiz Philippe o edificio foi restaurado com magnificencia; os entendedores lamentam porém que em lugar de o repararem escrupulosamente, se fizesse por assim dizer um novo castello que Henrique IV teria muito trabalho em reconhecer.

COINCIDENCIAS N TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO

M. DALHUNTY.

Ao Leitor.

Conta-se, não me recordo ao certo, se de Alexandre Magno, que sendo-lhe apresentado um homem, o qual a todos admirava muito, vendo-o lançar de longe, com a boeca, um grão d'ervilha, que fazia passar com incrível destreza muitas vezes successivas atravez de um pequeno orificio, o monarcha, com maior espanto ainda dos admiradores da habilidade, sómente presenteou o inventor, mandando dar-lhe meia quarta de ervilhas! Alexandre, se outro não foi, (e no nosso caso pouco accrescenta á moralidade do juizo, o juiz que deu a sentença); Alexandre, suppondo pois que foi elle, mui bem entendeu que tão mal empregara o tempo quem se tinha dado a tal exercicio, que já sua utilidade fóra generosamente recompensada com um punhado, muito mais com a medida significativa das ervilhas. Outro caso se conta de um rei do Oriente, que desejando presentear o inventor do xadrez, lhe propozera que pedisse alguma coisa. Pediu elle um grão de trigo pela primeira casa da taboa do mesmo jogo; dois pela segunda; quatro pela terceira; e assim seguidamente, dando-se por satisfeito que se lhe fossem duplicando os grãos de trigo, de casa em casa, até á ultima. Pareceu, como é natural, á primeira

vista, mui insignificante o pedido; mas, chegando-se ao calculo das parcelas de uma tal progressão, acharam os mathematicos de el-rei que sua magestade não tinha em seus dominios trigo sufficiente para fazer tal donativo! A moral d'estes dois casos parece instruir-nos de que muitas coisas ha que exigem muito trabalho e muito tempo, sem passarem de puras futilidades; mas que muitas outras ha que se podem tratar á primeira vista de futeis, e que depois de melhor exame chegamos a achal-as de inesperado valor. Assim muitas vezes, o rubro fructo sobre a mesa do commerciante, esperando-o mui leve, achamos, ao tomal-o nas mãos, nada mais que uma pedra pesada, mas serviçal, que prime debaixo de si lettras de cambio, e papeis representantes de grossos cabedaes. Eis semelhante áquelle fingido pomo, o trabalho que vou apresentar-vos: pode recrear-vos á vista primeira da alma, e parecer-vos depois de outro relance, e ao primeiro toque, como a pedra fria que foi brinquedo da arte; mas se considerardes os factos da Historia patria, tão dignos do conhecimento de todo o mundo, contidos na ordem que lhes prescreveu este artificio, como fixos para a memoria, certamente me persuado que de todo não tereis por inutil e mal empregado o tempo que puz na execução do objecto d'arte, que serve para retel-os; embora os comprima, e algumas vezes o acheis frio de mais ao tacto da vossa intelligencia. Reparae: seu valor está todo no serviço que presta á primeira de nossas faculdades intellectuaes; e na importancia dos thesouros de Historia portugueza que debaixo encontrareis ali coordenados, em uma especie de notas, com que podeis contratar no commercio polido e intellectual da sociedade.

ALGARISMO 1.

Portugal já pelo seu nome se define: alto e forte, como veiu a sel-o, em seus melhores tempos. Guiando-nos sómente pela etymologia do ouvido, confirmada pela da Historia, notemos as duas palavras — Porto Gallo — de que se compõe a que designa o reino.

Não estará em *porto* significada a origem, d'onde, com espanto do mundo todo, procedeu esse poder de naves alterosas, peso que sentiram,

D'exercitos e feitos singulares,
D'Africa as terras, e d'Oriente os mares?

Não estará também significada em *gallo*, ave nobre, que não consente rivaes; e que, por seu cantar altisono sauda o primeiro albor do dia — não estará significada, digo, em *gallo* — o timbre d'

Aquelles que no reino lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos?

Certamente a patria des primeiros navegado-

res da Europa: a dos conquistadores d'Africa e do Oriente, acha-se como symbolizada no proprio nome do paiz que produziu taes homens. Portugallo significa — patria de navegadores assignalados que fazem calar a musa antiga, e

Inclinam seu proposito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

A *ave* sonora de Portugal, lembra o Ave, rio da *primeira* provincia que pertenceu inteira ao reino: nas margens do qual, está situada Guimarães *primeira* residencia real d'este estado, que successivamente se foi dilatando de norte a sul, figurando na carta, quasi como o algarismo 1: elle que tambem é o *primeiro* na Europa:

Eis-aqui quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

O *primeiro* dominador do territorio portuguez foi Henrique, proximo parente de Henrique *primeiro*, rei de França; e o *primeiro* homem distincto n'elle, foi Egas Moniz, pela tomada de Lamego, onde se rebellara o rei moiro Hecha. Moniz, appellido que tanto coincide com as iniciaes de muitas palavras gregas que significam um ou *primeiro*, bem estava ao aio de um principe como Affonso Henriques,

Que do mundo os mais fortes equalava
Que de tal pae, tal filho se esperava.

Este *primeiro* soberano antes de acclamado rei, chegando a fazer guerra a sua mãe que dizem tratara casamento com Fernando Peres, conde de Trastamara e

O filho orphão deixava desherdado,

achava-se cercado em Guimarães por D. Affonso de Leão seu *primo*, que soberbo viera a vingar a affronta de Valdevez (logar que de então se ficou chamando — campo da matança); quando,

O leal vassallo conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz.

D. Affonso Henriques, Affonso *primeiro*, foi conquistador de muitas terras, e fundador da *primeira* ordem militar — S. Bento d'Aviz — em memoria da tomada de Evora: Aviz e Evora pelas *primeiras* lettras *av*, *ev*, recordando a palavra *ave* que *primeiro* notamos, e a qual mui bem associamos agora a ordem de *Ala*, ou *Aza* (S. Miguel d'Aza), que commemora a tomada da

primeira villa do reino (Santarem), no assedio da qual imaginou ver o guerreiro Affonso *primeiro*, a aza do *primeiro* archanjo (S. Miguel) que combatia por elle nos ares. A palavra *Ala* começa e acaba pela *primeira* das vogaes, e *primeira* das lettras do Alphabeto; e figura n'ella a consoante que supprimiu a pronuncia portugueza em Alfonso, como costuma fazer em muitas palavras que no hespanhol tem esta lettra. Foi esta ordem creada em Alcobaca. A Santarem chama o poeta — Scabelicastro:

Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo, regas tão sereno...

E tu nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras es princeza.

A cidade de Lisboa foi a conquista mais importante de Affonso *primeiro*; e o *primeiro* bispo que nomeou para ella foi D. Gilberto, theologo inglez. O mesmo rei obteve do papa Alexandre (*primeiro* depois do *primeiro* par de papas de igual nome) uma bulla pela qual se confirmava ao arcebispo de Braga o titulo de *Primate* das Hespanhas.

No *primeiro* par de soberanos de Portugal são ambos *primeiros*: Affonso Henriques, Affonso *primeiro*; a quem succedeu seu filho, Sancho *primeiro*, denominado povoador. Depois do que conquistou a terra, bem foi que viesse quem a povoasse.

Continúa.

BOLSAS.

Admittiu-se o uso d'esta palavra para designar os logares consagrados nas grandes e populosas cidades á reunião dos negociantes, e transacção de valores publicos.

Entre estes edificios são os mais notaveis:

A Bolsa de Paris, que é um vasto edificio, imitação da arte grega, e por isso falto de character de nacionalidade. Foi architectada por mr. Brongniart, e fazendo-se justiça ao architecto é merecedor de elogios, porque projectou a sua obra imponente na forma, e grandiosa no todo. Este edificio abriu-se ao publico em 1826.

A de Anvers tem uma structura peculiar. Compõe-se d'uma quadra rectangular, com o seu portico, formado de arcos de ferro, descansando em quatro ordens de columnas de pedra azul. Na parte superior estão as salas do tribunal e camara do commercio. Este edificio foi construido em 1531 pelo modelo da Bolsa de Amsterdam, que ha poucos annos acaba de ser destruida.

A de Londres, substituição da que se incendiou em 1666, foi construida logo em seguida aquella catastrophe. Tem uma fachada de lindo effeito, e n'ella avulta um magnifico portico sustentado por oito columnas corinthias, com um frontão de bellas proporções.

As de Manchester e Liverpool tambem se clas-

sificam entre os melhores edificios d'este genero.

A de S. Petersburgo, que está assentada nas margens do Neva, é um bello edificio, levantado pelo architecto francez, mr. Tomon. Acabou-se em 1811, porém somente se abriu ao publico em 1816.

Data do reinado de Fernando o Catholico, a Bolsa de Lonja de Valencia, em Hespanha. Foi construida no estylo arabe. Tem uma sala de quarenta metros de comprimento, e vinte sete de largura, dividida em tres naves por uma columnata de grande elegancia sustentando a respectiva abobada.

A de Barcelona, que é um perfeito monumento do estylo moderno, foi construida no reinado de Carlos III pelo architecto João Solers.

Prima porém sobre a de Valencia, a Bolsa de Palma, na ilha Maiorca. É construcção do seculo decimo quarto, cem annos depois d'esta ilha entrar no gremio da religião catholica. Pouca reminiscencia offerece da arte moirisca; com tudo são arabes as suas ameias e seteiras, e é um puro modelo no estylo ogival applicado á architectura civil. A sua disposição interior consiste n'uma unica sala de immensa extensão, pasmando ahí os olhos como aquella grande abobada se possa sustentar só em seis columnas.

A Bolsa de Lisboa, por bem conhecida de nós todos, dispensa mais ampla descripção. É aberta em columnatas, e no edificio superior acha-se o Tribunal do Commercio.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXX

Da caravela que tinha feito Manuel da Silva, e do que succedeu quando a fazia.

Ordenou Mannel da Silva de fazer uma caravela muito ligeira, como fez na praia desta cidade. Com tanta curiosidade a fez, que não saia nunca da praia. Andando-a fazendo, dice que era para o que succedesse ou houvesse mister para qualquer recado. Dice um homem que se chamava o pinto vintem: *Fal-a elle para fugir nella, e alguém verá: nem hade pelejar, nem entregar a terra com bons partidos, e hade fugir na caravelinha.* Não faltou algum golhilheiro que logo lho foi dizer, e elle como lhe doeu, e fallaram verdade, mandou que logo o enforcassem; de maneira que moderando a sentença mandou o pobre homem açoutal-o pelas ruas publicas com um arrocho na lingua, e depois de açoutado lhe mandou pregar a mão no pelourinho, e esteve duas horas com ella pregada; e isto fazia a mui-

tos por qualquer cousa que diziam contra elle, e como os homens não faziam o que elle mandava logo os mandava confessar, e depois com lhe revogar a sentença os mandava açoutar e pregar-lhes as mãos no pelourinho com um prego entre o dedo polegar, e o outro dedo, em o chumbo que estava no pelourinho. A gente da cidade e ilha era destruida de roupas, que pediam e tomavam para francezes e gente portugueza que vinha de fora, e lha não tornava mais.

LXXXI.

Da ordem com que o marquez de Santa Cruz botou a gente em terra, e aonde.

Andou o marquez de Santa Cruz esperando alguns dias que Manuel da Silva lhe mandasse a resposta da carta que lhe tinha mandado, sem a Manuel da Silva se lhe dar de cousa alguma, podendo ajuntar-se com as camaras da ilha, e com gente nobre capitães e gente do povo, e ler-lhes a carta do marquez, e dar-lhes resposta, e pedir-lhes o mais que quizessem: nenhuma cousa fez; antes tornando a vir mais recados lhe atiraram ás espingardadas. Quando o marquez vio o desengano ordenou em dia de Santiago de botar ao dia de Sant'Anna, que é a 26 de Julho, gente em terra; e pareceu a Manuel da Silva que botasse a gente na Praia, villa, e toda a força mandou pôr lá, e no lugar onde saíram não ficou mais que um capitão francez por nome Borgonhão. O marquez de Santa Cruz dizem que andou de noite em uma barquinha pela costa, olhando onde via menos morrões acesos, e no lugar onde saíram estavam menos, que era entre os dois picos chamados os da *Contentada*, e vinham na armada homens da villa de S. Sebastião, que era um Aleixo Pacheco, Melchior Veloso, Diogo Gonçalves Ferreira, e Domingos Alvares, que sabiam ahí todos os passos e pedras, e ajudaram a dar ordem como botariam gente em terra.

LXXXII

De como o marquez de Santa Cruz no dia de Sant'Anna pela manhã botou a gente em terra.

Em dia de Sant'Anna pela manhã muito cedo, que foram 26 dias do mez de Julho do anno de 1583, botou o marquez de Santa Cruz em galés e barcas e caravelas e com pranchas como cinco mil homens junctos em terra, e no lugar onde os botou não estava mais que um capitão francez com sua companhia, o qual pelejou de tal maneira, que até em joelhos pelejou o mesmo capitão, e hi foi morto, e só de toda a companhia escaparam onze; e aquella noite estavam ali mais tres companhias, que com a do francez eram quatro; e os mandou ir d'ali Manuel da Silva para Santa Catharina que era no Caboda-praia, parecendo-lhe que lá saíssem. Naquella entrada morreu muita gente do marquez, aonde morreu o capitão Rosado, e outros homens co-

nhecidos, e soldados castelhanos e portuguezes; e quando ácudiu gente já estavam em terra cinco mil soldados com campo formado e iam botando fora por ficarem e estarem já senhores do mar, e brevemente foram despejando a armada, que quando veio as dez horas do dia teriam como quatorze mil homens, outros diziam que seriam mais de quinze mil ou dezeseis. Quando veio a horas de meio dia podiam estar de gente da terra, portuguezes, francezes, e inglezes, oito mil homens, outros diziam que seriam dez mil, o que não podia ser, porque na cidade ficaram companhias de gente que não foram lá, que era Miguel da Cunha, Sebastião do Canto, que era junctamente capitão de um forte, e Thomas de Pórras, e na Villa da Praia duas. E formaram corpo de parte a parte, e saíram mangas a escaramuçar de parte a parte, e logo no principio mataram a Antonio da Silva, capitão dos creados do snr. D. Antonio, que pôr rei se nomeava. E quando foi ao meio dia podia estar gente de cavallo como quatrocentos homens, e com grande fervor, tocando caixas, pifanos, trombetas, e a gente de cavallo diante, queriam dar batalha embaixo sobre o marquez, e com tanto fervor e impeto queriam descer, que a grita e harmonia fazia pavor; e em querendo descer mandou Manuel da Silva que não dessem batalha, que queria mandar vir muito gado, e que o amarrariam em Cobras, e que com menos morte de gente dariam sobre a tarde batalha. O cão do judeu com medo o fez, começando a buscar ordem para se chegar a noite, e se acolher, como fez, podendo muito bem fazer seus partidos com o marquez, que não esperava outra cousa. Aquietou-se a gente contra sua vontade, escaramuçando sempre com mangas que botavam de parte a parte, té ás quatro horas depois do meio dia.

LXXXIII

De como veio muito gado, e do que succedea.

Seria ás quatro horas depois do meio dia, quando chegou muito gado, que seria como duas mil rezes. Pozeram-se em ordem de amarrar e fazer cobras, para assim o botarem, e desmancharem o campo, e a gente de pé e de cavallo posta em ordem e com grande fervor como da primeira vez. Mandou outra vez o maldito Manuel da Silva com penas de morte que estivessem quedos, que não eram horas para dar batalha, porque queria de noite mandar vir toda a artilheria grossa da ilha, rodear com ella o campo e trincheiras, para que, quando viesse pela manhã, poder dar com a artilheria, e com menos perigo de gente desbaratar o campo do marquez, que o menos que houveram de vir eram 50 peças de artilheria grossa. Pareceu bem a todos se assim o fizeram, mas Manuel da Silva por se não pôr em risco de morrer na batalha fazia todas estas quimeras por fugir, porque tinha mandado recado á cidade que lhe mandas-

sem a caravela ligeira, que elle tinha feito, porque appareciam perto de 80 velas, porque podiam ser de França, para as irem reconhecer; e o que trouxe o recado dice que as não vira, e logo os capitães das fortalezas de Sant-Antonio e San Sebastião e das mais entenderam o que era, porque mandava vir a caravela, e queria fugir; e a caravela estava já com os marinheiros dentro, e logo os capitães lhe mandaram atirar que dando á vela a mettessem no fundo. E largando ella a primeira vela foi tanta a artilheria nella, que os pobres marinheiros se metteram debaixo da cuberta, e largaram o leme, e ella se atravessou, e deixaram estar quedos com atirarem e botaram então ancora, porque davam em costa brava. E lhe não foi a caravela que provera ao Senhor que lhe fôra, e elle que fugira, porque então a gente da terra se entregaram com muito bons partidos. E porque d'onde estavam os campos formados á cidade eram duas leguas, e ouviram muito atirar na cidade, de uma parte e outra estavam suspensos: não sabiam a que attribuissem o caso, quando lá foi recado do que era ficou a gente espantada, logo murmuraram que a detença do dito Manuel da Silva não era outra cousa senão para fugir, indignados contra elle, o qual tinha descoberto seu peito aos francezes, de que haviam de fugir de noite, e que, como elles vissem atirar uma peça grossa, se fossem tomar sua estancia, e se fossem. Quando um Diogo Dias, que era natural desta cidade, ouviu da caravela que mandava vir Manuel da Silva, para fugir, fingindo que era para ir reconhecer naus, se foi botar no arraial do marquez com seu cavallo, e lhes contou o caso, de que ficou o marquez contente, e soldados, e capitães. Quando foi de noite ouviu-se uma peça grossa. Não podiam imaginar o que seria. Então se acolheu Manuel da Silva e os francezes, e foi tão judeu que tendo 20 carros de artilheria grossas não quiz que de dia se atirasse ao campo do marquez; que lhes fizeram grande damno e morte de gente, porque não havia que errar; tudo de judeu por o campo não vir acima com agonia do estrago da artilheria; que tudo se soube depois. Logo de noite se murmurou, que elle Manuel da Silva era fugido, mas não attentavam pelos francezes, porque tinham sua estancia apartada, mas uns diziam, será, outros não será, e assim escutando de madrugada se ouviam o rugido dos carros, que haviam trazer a artilheria, não ouviram nada, antes acharam gente menos, e ida: e imaginando em um homem que vendeu a terra, e, de judeu, nem pejejou nem a entregou, e fez o que sempre delle se esperou.

Continua.

Maldizendo o tempo presente, louvamos o dos antepassados; elles maldiziam o seu; os vindouros louvarão o nosso: a razão é porque todas as eras presenciavam vicios e crimes, cujo conhecimento nem sempre passa á posteridade.